

As Faces e o significado arquetípico da deusa na vida e na arte *

Maria Goretti Ribeiro**
Universidade Estadual da Paraíba

Resumo

Este artigo versa sobre as representações da imagem arquetípica da Deusa em diversos setores da vida humana, principalmente na arte literária. Apoiados em estudos histórico-antropológicos, especificamente em aporte teóricos junguianos: Jung (1995), Neumann (1996), Bolen (1990) Woolger(1994), evidenciaremos mitos e imagens arquetípicas originários da Deusa arcaica, como as fadas e as bruxas, seus papéis e significados, interpretando-os como fonte dos padrões emocionais dos pensamentos, sentimentos e instintos femininos que sobrevivem submersos no inconsciente coletivo, estão representados na literatura de todos os tempos e são entendidos como expressões metafóricas da psique feminina projetados em mulheres reais e ficcionais.

Palavras-chave: Mitologia; arquétipos; literatura.

Abstract

This paper discusses the archetypes imagery of the Great Mother that are present in different aspects of the human life, especially in literary art. The analysis of this paper will be carried out in a dialogue with the theoretical perspectives of the anthropological studies as well as junguian theory: Jung (1955), Bolen (1990), Woolger (1994) and Newmann (1996), considering the myths and the archetypes imagery of the archaic Goddess such as the fairies and witches, interpreting them as a search for the emotional patterns: thoughts, sentiment and female's instincts that are present in the collective unconscious. It will be also consider their representations in literature as a metaphor of female's psyche that are projected into fiction.

* Artigo recebido em 24 de março de 2008. Aprovado em 15 de maio de 2008.

** Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas, é Professora Titular da Universidade Estadual da Paraíba.

Keywords: mythology; archetype; literature.

Résumé

La vision et la signification archetypique de la Déesse après la vie et après l'art.

Dans cette communication il s'agit des images archétypiques de la Déesse dans les divers secteurs de la vie humaine, surtout auprès de la littérature. En s'appuyant dans les études historiques et anthropologiques, particulièrement après la théorie Junguienne: Jung (1995), Neuman (1996), Bolen (1990), Woolger (1994), on met en évidence les mites et les images archétypiques originels de la Déesse archaïque, ça veut dire les fées et les sorcières, ces rôles et ces significations, en les interprétant comme source des habitudes émotionnelles des pensées et sentiments des instincts de la femme que se retrouvent immergés dans l'inconscient collective sont représentés dans la littérature de tout le temps et sont compris comme des expressions métaphoriques de la psyché féminine projetées sur des femmes réelles et fictives.

Mots-clés: mythologie ; archétypes ; littérature.

Em busca da Deusa

O trajeto em busca das imagens arquetípicas da Deusa na literatura exige uma imersão nas muitas representações desse arquétipo em culturas primitivas e em civilizações milenares. Apesar da dessacralização da Grande Deusa Mãe arcaica, graças às religiões judeu-cristãs, é mister resgatar, nas supremas religiões de mistérios, particularmente na Grécia minóica, os mitos e símbolos da Deusa para se compreender sua epifania poética na arte literária. Sabe-se que ela foi responsável pela veneração e pelo temor ao Feminino nos papéis da sexualidade e da procriação. Buscamos explicar sua significação e o sentido de suas imagens ambíguas metaforizadas em inúmeras obras literárias. É consenso que as deusas egípcias e greco-latinas sempre serviram de modelo de perfeição, beleza, grandeza, poder e sabedoria para a criação das belidades literárias, cujas imagens idealizadas muito beneficiaram o sujeito mulher do ponto de vista físico e sociocultural. O nosso propósito é ressaltar o significado desse arquétipo como modelo psicológico do Feminino.

Historicamente, a primeira e mais legítima imagem da Deusa é encontrada nos rituais propiciatórios, na fase inconsciente da humanidade, período anterior à agricultura, quando essa divindade suprema e absoluta incorporava o gigantismo e a incognoscibilidade da Natureza primeva e transfundia misteriosa harmonia entre o universo e a mulher, cujo corpo inspirava respeito e medo porque exprimia as

qualidades transcendentais da Mãe Terra. O mistério das origens, que se ocultava na Natureza e no corpo da fêmea, levou o primitivo a cultuar o poder feminino, numa época mítica denominada de matriarcado.

Um dos seus traços fundamentais da Deusa era a *coincidentia oppositorum*. O homem primitivo reverenciava a Grande Mãe Bondosa e a Grande Mãe Terrível, dois entes femininos divinos distintos. Com a evolução da consciência, percebeu-se que o mesmo ente congregava essas duas qualidades, ou seja, a Grande Mãe exercia o ambíguo papel de gerar e devorar a vida, substantivando-se como útero e túmulo da humanidade (Cf. Neumann 1996:25-58).

O mundo mediterrâneo cultuou muitas imagens da Grande Deusa Mãe. Seu nome varia conforme sua nacionalidade, todavia, ela é a mesma Mãe Bondosa: como a egípcia Ísis, a cretense Gaia, a micênica Rea, a eleusina Deméter, a ateniense Hera, a cipriota Afrodite, a frígia Cibele, a efésia Ártemis, a síria Dea, a persa Anaitis, a babilônia Istar, a fenícia Astarte, a Cananéia Atargatis, a capadócia Mãe e as trácias Bendis e Cottyto; e Mãe Terrível, como as germânicas Nornas, as gregas Moiras, as romanas Parcas, a hebraica Lilith, de quem derivou variadas personificações dos horrores femininos, como Górgonas, Fúrias ou Erínias, Keres, Sereias, Harpias, Lâmia, Êmpusa, Circe, Cila, Caríbdis e Sin, dentre outras.

Todas estas faces da Deusa são formas de manifestação de uma pluralidade de figuras malévolas da Grande Mãe difundidas pela humanidade ao longo dos tempos através dos rituais religiosos, dos mitos e da literatura. Tais imagens simbolizam o poder primordial do Grande Feminino em seu papel de gerar, proteger e devorar, funções representativas das formas e dos fenômenos da Natureza: montanhas, labirintos, florestas, abismos, rios, mares, oceanos, fontes, lua, etc., que conectadas a figuras de animais, representam a grande diversidade simbólica do corpo da Deusa.

A Grande Mãe apresenta-se através de variados símbolos que expressam seu caráter elementar e transformador: o elementar traz o sentido de conservação, de gestação; o transformador revela-se por meio de imagens que indicam proteção e acolhimento ardoroso, apresentando perspectivas de mudanças observáveis na mulher. O aspecto positivo pode se manifestar, simbolicamente, como imagens de nascimento e de renascimento e, no negativo, como imagens que indicam estagnação, aprisionamento, cilada, fixação, unilateralidade e até privação.

À Deusa foram associadas idéias de virgindade, de fertilidade e de soberania sobre o céu, sobre a terra e sobre as águas. Senhora dos animais, das plantas e dos destinos, ela possuía o poder porque a vida e a morte estavam no seu ventre, num contínuo nascer, morrer e renascer. Virgem, impenetrável, simbolicamente completa, uma ditadora sexual,

ela mantinha os homens — seus consortes — sob seu controle porque eles funcionavam apenas como agentes fertilizadores, o que declarava a nulidade masculina mediante a força do Feminino. A eterna virgindade significava que ela pertencia a si própria. Mesmo casada, a condição de virgem não se alterava, uma vez que seu esposo não a dominava. O fato de não pertencer a nenhum homem a tornava verdadeira para com seus próprios instintos, mantendo seu poder soberano, perene e reconhecido.

As culturas primitivas vivenciaram-na como uma força corpóreo-espiritual inelutável que exercia influências benéficas e maléficas. Ela era a “personificação de um poder motivador ou de um sistema de valores que funcionava para a vida humana e para o universo” (Campbell 1990:24). Denominada de “a Desconhecida”, a Deusa incorporava a materialidade da Natureza na sua beleza física. O maior significado do seu culto era a harmonia com a natureza vivida por todos os homens,¹ pois ela era a encarnação da fertilidade e da vida.

Tanto homens quanto mulheres prestavam homenagens diárias à Deusa com adoração, oferendas e sacrifícios. As mulheres pagavam-lhe tributos mais elevados porque temiam vingança e perseguição. Na fase inconsciente da humanidade, os indivíduos formulavam a idéia do mundo abstrato conforme a realidade existencial concreta se apresentava para eles. Desse modo, a Grande Deusa Bondosa era a Natureza benéfica, quando os presenteava com as riquezas da terra, e era a Grande Deusa Terrível, quando os castigava com a força dos seus elementos. Por analogia à capacidade de gestar e parir, a mulher passou a ser reverenciada pelos homens como uma encarnação da Deusa, agente de seus destinos e infortúnios. A sua fecundidade animal, cruelmente dramatizada em rituais de mistério, é um aspecto relevante de sua simbologia como Senhora da vida e da morte. Desse modo, as representações do Feminino bondoso ou sinistro, erótico ou espiritual em detrimento do masculino dependem dessas formulações míticas conservadas no inconsciente coletivo que se manifestam ainda hoje na cultura e nas artes.

Com a evolução da consciência, a Deusa adormeceu velada pelo mistério através do qual foi respeitada e cultuada. Do ponto de vista psicológico, o seu longo sono na cultura ocidental foi considerado uma

¹ Os cultos da Grande Deusa resultavam em autoflagelações, autocastrações, circuncisões de sacerdotes e veneradores, defloramentos rituais e prostituição sagrada. Os rituais de passagem praticados nos santuários arcaicos são ainda conservados em grupos humanos primitivos. Líderes religiosos ou representantes do saber profético mantêm o hábito de se vestir com aparência feminina. Outros procedimentos dos rituais de castração foram transformados em atos simbólicos religiosos, como a tonsura dos monges, o voto de castidade e a batina sacerdotal, formas de emasculação que significam aderência ao feminino divino.

espécie de eclipse dos valores da mulher e uma perda inestimável para os indivíduos de modo geral porque em se tornando agnósticos, os homens perderam não só o elo com as realidades metafísicas, mas o rumo da própria interioridade. Ao se desligarem do misticismo que os ligava ao cosmos, os homens retiram a dimensão feminina criativa, espiritual e psicológica do mundo que ordenava as relações humanas.

Há muitos séculos, a humanidade vive a depressão das significativas perdas ao longo da história do racionalismo platônico com o sono da Deusa, especialmente da Grande Mãe imanente que fora substituída, gradual e lentamente, pelo Grande Pai transcendental, cuja superioridade submeteu a mulher à insignificância absoluta ao transferir o culto da terra para o céu. A civilização patriarcal obliterou o Feminino sagrado em todas as situações da vida, separando o corpo do espírito, a matéria da espiritualidade e negando radicalmente os sentidos, as funções biológicas e a natureza selvagem da mulher. A civilização moderna ainda sofre uma grave desorganização psicossocial como consequência do afastamento da Grande Mãe, que funcionou como energia transpessoal em prol do próprio homem e da sociedade.

Foram lamentáveis os resultados da negação da Deusa: a mulher, sem mente e sem voz, qualificada de elemento inferior oponente ao masculino, agente perturbador dos processos cognitivos e da transcendência espiritual, tornou-se apenas a fêmea biológica com corpo programado para o ato sexual, para a gestação e para a maternidade, enquanto o homem, senhor das guerras, herói de conquistas cósmicas, dotado de poder cerebral, tornou-se órfão da Grande Mãe, conseqüentemente imune a qualquer sentimento de ternura e submerso no caos social instituído pela ordem do Pai.

Entretanto, apesar dos avanços tecnológicos, apesar das crises iconoclásticas e mitofágicas, percebe-se a onipresença da Deusa em todos os setores da sociedade, nas religiões, na mídia, no comportamento social feminino, enfim, em todas as situações dinâmicas para as manifestações maternas, criativas, sensíveis, interpretativas e eróticas do espírito humano. Esse fenômeno que afeta os valores humanos, os relacionamentos sócias: sexuais e profissionais, que transforma conceitos, idéias, que cria outros mitos do Feminino e outra visão da mulher, é denominado, metaforicamente, pelos mitólogos radicais de "retorno da Deusa", cujo significado psicológico sugere uma desconstrução de toda forma de repressão (Cf. Woolger 1994:19). A Deusa retorna e exige mudanças que implicam um novo entendimento da masculinidade e da feminilidade, no homem, na mulher, nas relações entre os sexos e nas concepções da realidade. Ela deseja promover uma imersão profunda na consciência das pessoas.

A Deusa retorna transfigurada, remodelada, com a consciência em processo de evolução, capaz de favorecer outros caminhos de acesso aos labirintos da alma humana. Destronada nos rituais propiciatórios graças ao abstracionismo monoteísta, reprimida no inconsciente coletivo, a Deusa subsistiu ao ostracismo que lhe impingiu o “patriarcado”, irrompendo, na modernidade, principalmente no comportamento feminino e nas representações artísticas. Sabedoria feminina inconsciente interpretada como aquisição da consciência, ela intervém com grande poder na vida moderna, tornando-se o princípio transformador de mentalidades e atitudes com relação à mulher.

A Deusa retorna. Negada e reprimida durante milhares de anos de dominação falocêntrica, ela aparece no momento certo de extrema necessidade. A humanidade caminha pelo vale das sombras de destruição por ela mesma patrocinada, entretanto teme o mal. A Deusa retorna e promove mudanças e cataclismos, sugerindo a valorização da mulher, forçando a integração de um novo mitologema da divindade materna que possa aliviar o ressentimento contra a violência cultural que descaracterizou o ser feminino. Guardiã da interioridade do ser humano, a Deusa rege os instintos, os sentimentos, a intuição, a emoção e a profundidade do Feminino (Cf. Whitmont 1984:11).

A Deusa foi redescoberta pela Psicologia profunda como a fonte dos padrões emocionais, dos pensamentos, sentimentos e instintos femininos que sobrevivem submersos no inconsciente coletivo e podem ser apreendidos por meio da criatividade e inspiração. Estudando a Deusa interior como guia de nossas vidas, Woolger (1994: 14-20) assim a conceitua:

Com ‘deusa’ queremos exprimir a descrição psicológica de um tipo de complexo de personalidade feminina que reconhecemos intuitivamente em nós, nas mulheres à nossa volta, e também nas imagens e ícones que estão em toda parte em nossa cultura. [...] Uma deusa é, portanto, a forma que um arquétipo feminino pode assumir no contexto de uma narrativa ou epopéia mitológica. Num conto de fadas, esse arquétipo pode aparecer como princesa, rainha ou bruxa.

Ela se expressa, de forma inexplicável, no ato sexual prazeroso, na maternidade, na paixão, no desejo, na sexualidade e impele à união, à coesão social, à comunhão, aos impulsos de transformação. Significa a essência do Feminino, não está apenas no nível inferior, invisível e imaterial como supunha o patriarcado secular, tampouco é excrescência erótica “cheia de sangue e saliva”, “feita das imundícies da terra”, como a consciência ascética hebraica descreveu Lilith. As Deusas são “fontes

derradeiras daqueles padrões emocionais de nossos pensamentos, sentimentos, instintos e comportamento que poderíamos chamar de 'femininos' na acepção mais ampla da palavra".

O conhecimento intuitivo do Feminino é um lado obscurecido da alma, pouco compreendido, muito projetado em toda criação do homem e essencialmente responsável por muitos mitos da maldição da mulher. Apesar de ser um arquétipo ambivalente, com capacidade mental, criativa e cognitiva, é comum representar-se a Deusa arquetípica como o lado sedutor da mulher. Entretanto, trata-se de uma energia positiva que dinamiza a natureza feminina, promove transformações, caracteriza o aspecto elementar maternal, protege, ensina a renúncia de si mesma, liberta o outro para o crescimento. Quando a mulher toma consciência do aspecto divino de sua natureza, seu ego age juntamente com o si-mesmo e ela passa a ser guiada por ideais, emoções, intuições e sabedoria instintiva, tendendo a valorizar seu corpo e construir seu espírito, uma vez que a energia e o poder arquetípicos da Deusa são responsáveis pela manifestação dos instintos erótico-maternais vivenciados pela mulher como consciência integrada ao corpo, sabedoria instintiva e capacidade de conectar as emoções ao relacionamento humano (Cf. Qualls-Corbett 1990:71-83).

O processo de transformação do Feminino foi vivenciado em três fases que explicam os estágios que a consciência ultrapassou na sua evolução: a fase da Grande Deusa, que compreende o "estar contido" na totalidade urobórica do Grande Círculo, é o estágio propriamente inconsciente da humanidade; o "plano da Natureza", que é a ligação entre a Grande Deusa e o mundo vegetal e animal, e, finalmente, o "plano cultural", em que se atinge a transição para as transformações da mentalidade.

Jung relacionou o Feminino com o princípio erótico da Deusa. O eros implica comprometimento passional, convívio com a porção obscurecida da personalidade, com certas realidades marginais à moral e com inferioridades excluídas do campo dos interesses conscientes. O Eros é ativo e semelhante à loucura da alma, descrita por Platão em *Fedro*, algo evocativo de forças primitivas que arrebatam o indivíduo para além das limitações e convenções das normas sociais e da vida razoável, produzindo êxtase, liberação dos sentidos e das convenções de grupo. O êxtase pode variar da perda da alma até o mais profundo alargamento da personalidade, sendo seu espectro, momentaneamente, levado para fora da consciência. Bachofen (apud Neumann 1996:257) relaciona o princípio Feminino ao sexual e o explica como "ardor da mulher", cujo excesso ultrapassava, nos antigos rituais sagrados, os domínios da razão convencional, promovendo a união indissolúvel de duas grandes forças: o êxtase erótico e o culto a um deus, cujas manifestações físicas se

assentavam no fundo emocional exacerbado. Ele atribui ao arrebatamento erótico sagrado o entusiasmo frenético das Mênades cambaleantes de vinho, cuja embriaguez vertiginosa era interpretada como revelação dos deuses supremos:

Abalada no mais íntimo recesso de seu ser, a mulher eleva aos céus um clamor que ultrapassa as mais altas e silenciosas montanhas, buscando em toda parte aquele deus revelado, que também prefere trilhar as alturas... A intensidade do ardor orgiástico, misto de religião e sensualidade, mostra como a mulher, apesar de mais fraca que o homem, é capaz, com o passar do tempo, de atingir planos mais elevados que ele. Através de seu mistério, Dioniso capturava a alma feminina com sua inclinação por tudo que é sobrenatural, por tudo que desafia a lei natural; através de sua ofuscante e sensual epifania, ele atua sobre a capacidade de imaginação que, para a mulher, constitui o ponto de partida para todas as suas emoções interiores, e para suas sensações eróticas, sem as quais ela nada consegue realizar, mas à qual, sob a proteção da religião, ela permite uma expressão avassaladora, que ultrapassa todas as barreiras.

O fascínio pela transcendentalidade erótica da Deusa levou os homens sedentos de prazer sexual aos templos de Afrodite para viverem o amor divino no prazer carnal com as prostitutas sagradas ainda que tal enleio não se concretizasse a não ser por uma possessão psíquica. O imaginário masculino fertilizado por Afrodite irrompia através de visões e fantasias sexuais provocando uma espécie de torpor onírico. Tal epifania da Deusa funciona nas artes como êxtase poético que transforma a realidade em metáforas, levando o artista a criar e representar um variado repertório de imagens míticas da Deusa nas personagens femininas. O eros tem fundamental importância para a formação de símbolos arquetípicos na criação artística. Jung (1995:218) comenta que

Se não tivermos uma noção do conteúdo sexual de antigos cultos e imaginarmos que a experiência de união com um deus da Antiguidade era considerado um coito mais ou menos completo, não podemos mais conceber que as forças motoras da fantasia que cria símbolos se tenham modificado completamente depois do nascimento de Cristo. O fato de os primeiros cristãos se terem afastado tão energicamente da natureza e dos instintos e, por sua tendência ascética, terem evitado a sexualidade, prova exatamente a origem destas motivações.

Algumas imagens arquetípicas do Feminino negativo, especialmente as da *femme fatale*, envolvem a pureza do instinto erótico e formam uma poderosa arquitetura imaginária contra a mulher, reproduzindo o fenômeno da abjuração dos seus valores naturais. O tema mítico da “maldição da mulher” sempre fez parte das reflexões sobre a existência humana, representando concretamente a capacidade que o imaginário tem para criar imagens destrutivas e conservá-las de forma atemporal. Isto confirma o pensamento junguiano de que nenhuma formulação intelectual científica tem a permanência, a profundidade e a força de expressão das imagens arquetípicas. Entende-se que os mitos da *femme fatale*, que influenciaram a psique dos primitivos com conteúdos ricos de significados destrutivos, são responsáveis pelos eternos estigmas da culpa feminina pelos males no mundo graças à sua tendência à luxúria, como divulgaram os filósofos antigos e da escolástica medieval.

A linguagem literária, que apresenta uma visão de mundo em conformidade com o segmento sociocultural e motivações inconscientes que a ela se impõem, que transforma o *logos* em *mythos*, a razão em emoção, a beleza em novidade poética, serve-se da imagem da Deusa do Amor para metaforizar sentimentos, comportamentos e fatos da vida e para representar a mulher sob padrões ideais, não apenas de acordo com modelos depreciativos platônico, medieval, romântico ou kantiano do Eros feminino, mas como imagem de força existencial, susceptível à sua natureza instintual e espiritual, criando condições propícias para se refletir sobre a subjetividade e o significado do Feminino no mundo. As deusas mães dos mitos arcaicos são representadas na literatura e nas artes em geral com o significado arquetípico de beleza, grandeza e sabedoria. Neumann (1996:76) lembra que tais representações “são vivenciadas pela personalidade como ‘exteriores’, isto é, como aquilo que o ego normal designa como ‘real’”.

É fatível que ao fantasiar a mulher perfeita amada e desejada, a imaginação do artista projeta tanto imagens pessoais quanto imagens comuns ao imaginário cultural e ao inconsciente coletivo. O arquétipo da Deusa é sempre projetado em uma bela mulher, amante, heroína, admirada por suas virtudes: a mãe bondosa, a princesa elegante e educada, a rainha obediente, a fada madrinha, de acordo com a forma que esse sujeito pode assumir no contexto da narrativa, da tragédia, do poema, da vida, mas nunca em mulheres do povo: mãe sofrida, profissional, prostituta. A personagem sempre encarnará um perfil emoldurado no campo da energia psíquica que o arquétipo inspira, informando os tipos, as atitudes, o comportamento cotidiano e os ideais da Deusa. Dessa forma, as heroínas da literatura, do cinema, das novelas de televisão, dos contos de fadas que personificam, não raro, os arquétipos de Afrodite, no modo de ser de uma mulher apaixonada; de

Athena, nos ideais de uma mulher racional; de Deméter, na proteção materna, representam mitologemas atualizados por meio da literatura que fundamentam sempre novos aspectos do Feminino e abrem discussões sobre o equilíbrio psico-espiritual de nossa cultura, principalmente sobre as resistentes forças vitais femininas que sobrevivem no tempo.

A Deusa mítica metaforizada na literatura, ainda que se apresente macerada pelos complexos destrutivos que lhe foram legados pelo patriarcado, ainda que continue perdendo no jogo cultural do poder, gesta a nova mulher que age em seu nome para revigorar a natureza original feminina, para criar estratégias de competição, para afirmar a identidade sociocultural, para negar as diferenças e possibilitar a complementaridade criativa no relacionamento harmônico com o homem.

As mulheres modernas protagonizam mitos em suas jornadas existenciais, fazem escolhas, subsistem a todo tipo de provação, de privação, de crueldade, de abuso sexual, de carência afetiva, de compadecimento, criando possibilidade de salvação, reagindo no presente e programando o futuro, conscientes de que são falíveis em meio às turbulências da vida, mas que são capazes de mudar o curso de suas histórias.

Conhecendo as Deusas da transformação do Feminino

A mais elevada sabedoria feminina é transmitida pelo mito da Deusa tríplice Deméter/Perséfone/Hécate. Deméter, nome grego, *Delta*, significa Deusa Mãe com tripla face: a jovem, a mãe, a velha. Seus nomes adquirem o significado dos seus papéis arquetípicos de mãe bondosa e terrível: Deméter, a que conhece a imortalidade, capaz de dar a juventude eterna; Hécate, a que vê no escuro; Perséfone, a que conhece o segredo da morte; Tiamat, o oceano gerador; Maat, a pena branca da verdade; Medusa, a que tem um olhar petrificante; Fata Morgana, a que leva os homens ao seu destino; Sofia, a que tem a sabedoria superior; Brigit, a responsável pelo ciclo das estações; Kali, a que destrói os homens para dar forma à criação; Syrian Mari, aquela capaz de examinar a alma; Sibila, a vidente capaz de ver o futuro.

O mito das Deusas se resume na trajetória da mãe que perdeu a filha e a busca sem trégua. Deméter, filha de Cronos e Rea, deusa grega da terra cultivada, especialmente do trigo teve uma filha com seu irmão Zeus, Coré. Ainda adolescente, Coré saiu pelos campos a colher flores. A terra abriu-se para Hades, o deus do Inferno, irmão de Zeus, e, por conseguinte, tio da jovem deusa, que a raptou. Coré gritou, a mãe ouviu e veio socorrê-la, só que chegou muito tarde. Hécate, que tudo via,

contou à mãe aflita o que havia ocorrido. A partir de então, Deméter passou a percorrer o mundo à procura da filha, sem comer, beber ou repousar, abstando-se de fazer germinarem as sementes semeadas na terra até que sua filha aparecesse.

Passando por Eleusis ela se disfaçou numa velha e pela primeira vez descansou. Dirigiu-se à morada de Celeu, rei da região, onde incógnita parassou a trabalhar como ama de Triptólemo. A deusa tentou imortalizar este menino, mas não conseguiu por causa da intervenção de Metanaira, mãe do garoto. Nessa ocasião Deméter revelou sua identidade e ensinou aos povos daquele lugar a cultivar o trigo. A essa altura, os campos secavam e se tornavam estéreis, pondo em perigo a sobrevivência das criaturas vivas. Zeus, preocupado com tal situação, ordenou a Hades que entregasse sua esposa (agora Perséfone, a rainha do Inferno) à mãe Deméter. Todavia Perséfone havia comido a semente da romã, estando, agora, presa ao marido e ao seu reino. Para solucionar o impasse, Zeus determinou que Perséfone ficasse seis meses com a mãe e seis meses com o marido. Graças a essa solução, a rainha do Inferno saía das profundezas da terra na primavera e subia ao céu quando se abriam no solo as primeiras sementeiras, retornando ao Inferno no outono, quando começavam as colheitas. Seu afastamento de Deméter ocorria no inverno, durante o qual a terra nada produzia.

O mito de Deméter encena o sofrimento materno provocado pelo “ninho vazio”. A trajetória da Deusa em busca da filha perdida ensina às mulheres como se comportar mediante as perdas existenciais, principalmente por ocasião do afastamento das filhas. Essas deusas personificam mulheres que experimentam significativas rupturas psicológicas com elos estruturais básicos e por isso vivenciam estados depressivos e processos reacionários negativos e positivos que favorecem mudança e podem servir de *insights* para as necessárias transformações femininas.

Deméter e Perséfone são arquétipos que motivam a atração pelo oposto, a necessidade do casamento, a separação na hora certa, a alimentação, a dependência, a vitimização, a superação dos conflitos pessoais, a percepção do que acontece com as pessoas e o recolhimento meditativo na fase de amadurecimento. Simbolizam as transformações ascendentes do corpo-alma-espírito após superar toda a materialidade e significado do Feminino materno, cuja função se intensifica na velhice, quando a abstração nirvânica do *logos* masculino ilumina a alma da mulher, e ajuda a superar a esterilidade do corpo (Cf. Bolen 1990:237 *et seq*).

O maior valor desse mito está nas transformações e no significado simbólico das perdas femininas e na superação das mortes psíquicas que, efetivamente, a mulher deve enfrentar. A primeira é a

perda da inocência infantil, simbolizada pela “flor” – também conhecida como a “morte da donzela” interior – que acontece na primeira menstruação. Essa etapa existencial expressa-se, simbolicamente, no momento em que Coré (Perséfone adolescente) se lança para colher flores, sendo por isso raptada por Hades, cujo episódio conota a atração erótica experimentada pela jovem púbere quando de sua descida à realidade ctônica do baixo corporal.

A segunda perda é a de um filho para a morte, para o casamento ou para o mundo, simbolizada pelo “fruto maduro”, cuja dor materna é maior quando se trata de uma filha. Essa fase é vivenciada pela mulher como depressão do “ninho vazio”. Coré foi raptada pela Morte, uma alusão mítica ao casamento. Na concepção matrilinear, o matrimônio, como núpcias da morte, é um arquétipo central dos mistérios femininos que enfeixa a idéia de que a virgem é sacrificada a um “monstro”. Portanto, a aproximação do masculino significa uma violação do laço simbiótico mãe-filha. O primeiro encontro sexual com um homem é o mais profundo mistério de transformação para a mulher, trata-se de um desvelamento ritual bastante significativo, que vai selar seu destino com relação à alteridade.

A terceira etapa é a perda da fertilidade, simbolizada pela “semente”, rito de passagem para uma etapa áurea da vida, denominada de *Sofia* — sabedoria da mulher madura — um período vivido com muita angústia. O mito ensina que se deve destruir a sombra do paraíso infantil perdido, sacrificar (*sacrum facere*, “tornar sacra”) a inocência e reconhecer que se traz dentro de si o poder aventureiro de conquistar a vida individual. Isto está designado pela força arquetípica do herói e da heroína, da maternidade e da paternidade. A mulher e o homem maduros devem aceitar a nova fase da vida com criatividade. Deméter aproveitou esse tempo para transmitir sabedoria aos homens, principalmente ao jovem (Cf. Woolger 1994:178-244).

Deméter é o arquétipo do instinto materno nutridor e generoso, da mãe persistente, provedora dos alimentos físico e espiritual, susceptível à depressão, que ritualiza o pranto porque o choro também é uma energia que auxilia nas mudanças, e representa a árdua individuação da mulher. Essa deusa simboliza a transformação feminina nas três fases existenciais sumamente importantes: puberdade, maternidade, e menopausa, etapas que Neumann (1996:65-80) identifica como “mistérios de transformação ligados ao sangue”.

Na qualidade de guardiã do caldeirão das transformações, a Deusa Mãe conhece o segredo da regeneração, por isso, nos Mistérios de Eleusis, ela era cultuada na duplicidade de seu aspecto, como a negra materialidade e como a luz numinosa da criatividade. No seu aspecto

criativo, essa Deusa alimenta a centelha de vida oculta na psique; na forma destrutiva, ela causa irremediável letargia e decadência. Deméter congrega sentimentos instáveis, intuições proféticas, receptividade irracional, sensibilidade à natureza, memória coletiva.

Coré é a filha carente e vulnerável, a donzela inocente, raptada e violada pelo masculino infernal e obrigada a conviver com ele no mundo avernal, tornando-se Perséfone, a esposa sofrida, desonrada, estuprada por seu consorte. É também o arquétipo da mulher madura, seduzida pelo marido e gratificada pela transformação que sofreu no corpo e na alma. Para os gregos, era a rainha do mundo avernal, guardiã dos espíritos, regente das sombras e mediadora entre a vida e a morte, que morria e renascia para trazer fecundidade à terra, por isso representa a energia que circula entre duas realidades psíquicas: o ego e o inconsciente.

Perséfone, Hades e o Averno são arquétipos que modelam a individuação da mulher casada, uma vez que esses elementos míticos estão visceralmente ligados à sexualidade e à maternidade. O mundo avernal, que significa o sofrimento, representa o inconsciente coletivo, o mundo das potestades e poderes arquetípicos. Cair no reino de Hades significa mergulhar em estado depressivo e retraimento meditativo para o crescimento interior visto que, de acordo com o mito, é das sombras de Hades, o que significa dizer que é de baixo, “das profundezas abissais da alma, não dos confins mais elevados do espírito”, que vem a necessidade de transformação (Cf. Bolen, 1990:275-308).

O caos interior promovido pelas perdas existenciais femininas funciona como pré-requisito para a transformação plena e retomada da ordem, mas o caminho para o crescimento psicológico exige o desvelamento das forças ocultas destrutivas. Sem estabelecer com elas relações definitivas, é impossível a mulher emergir vitoriosa do reino de Hades. Numa perspectiva psicológica, o processo de individuação feminino só se completa com a queda no inconsciente, onde estão repudiados e misturados os complexos degenerativos da personalidade. O retorno do reino de Perséfone só é possível com a reintegração dos conteúdos reprimidos ou negados à consciência do ego pelos ditames patriarcais, o que representa para a mulher lutar contra o apego à mãe, contra os impulsos agressivos, contra as iniciativas sem reflexão, contra a possessão do *animus* negativo, contra a negação da natureza erótica, contra a complacência maternal excessiva pelo outro. A libertação de tudo isso oportunizará a renovação sem que a pessoa se confunda com a divindade. Boechat (1996:104) reconhece que a grande conquista na individuação feminina é confrontar-se com os medos, entendê-los e transformá-los, em cujo processo é impossível evitar o sofrimento; é esse

sentimento que leva à vitória final porque favorece ao indivíduo o casamento simbólico consigo mesmo.

As fadas e as bruxas são filhas da Deusa

Agraciada pela Deusa do amor e da prosperidade com a vidência e a capacidade de manipular o futuro, a feiticeira é uma versão popular da Deusa na sua dupla face de quem derivou fadas e bruxas. A feiticeira era, geralmente, uma mulher jovem e bela, dotada de corpo sedutor feito para o prazer e para a maternidade. Nela os homens projetavam o arquétipo da fêmea fatal, das amantes insaciáveis, antes incorporadas pelas prostitutas sagradas nos templos de Afrodite, hoje, na pele das divas e estrelas do cinema, da televisão e da literatura.

A mente humana sempre alimentou a idéia primitiva de que há seres humanos dotados de poderes sobrenaturais que, por intermédio de cultos místicos, são capazes de mudar o curso natural da vida, seja para o bem ou para o mal. As feiticeiras usufruíram desse crédito durante milênios, graças aos seus poderes e sabedoria, por isso sempre foram requisitadas por soberanos, por nobres, dignitários da igreja e camponeses para praticarem curas e solucionar problemas que a razão não conseguia resolver.

As religiões monoteístas e a cultura patriarcal, principalmente no Ocidente, fragmentaram e negaram os valores positivos das místicas e lendárias feiticeiras, cujo enigma se baseava apenas no conhecimento das "poções milagrosas" com que salvavam vidas e na acuidade com que faziam vir ao mundo centenas de crianças, isso para não falar de suas experiências agrícolas e aptidão para promover o equilíbrio mental dos histéricos e desiludidos.

Algumas feiticeiras míticas e oráculos foram eternizados pela literatura, como Circe, na *Odisséia*, que aparece configurada como uma belíssima mulher de envolvente poder materno que cuidou de Ulisses, fazendo-o descansar em sua cama da jornada pelos mares; como a sedutora e sagaz Sibila de Cumas que exercia fascínio sobre homens e deuses, dela nem o deus Apolo escapou; como a fada Morgana que manteve sob encantamento o rei Arthur.

Os mitos atribuem o poder das feiticeiras à sua ligação com o mundo dos mortos. Além de serem entes da Natureza, de morarem em subterrâneos, em cavernas habitadas por serpentes, morcegos e corujas ou em algum refúgio escuro onde ninguém podia violar seus segredos, elas habitavam castelos e templos e dominavam os espaços abertos e livres onde faziam sua ronda, dominando os quatro elementos, a Natureza e a vida dos homens.

A feiticeira era oráculo dos deuses nas religiões de mistério, míticas videntes, curandeiras alquímicas que deixavam os homens maravilhados com o seu conhecimento nas artes da magia, do fogão e das ervas com que preparavam filtros afrodisíacos, poções abortivas, alucinógenos, essências para perfumar o corpo, amuletos que os convenciam dos mistérios femininos. Quando exerciam a prática de parteiras, detinham o poder sobre a vida e a morte das crianças, pois aplicavam a *digitalis purpurea* para abreviar o sofrimento dos natimortos. Todos esses saberes atrelados à intuição e à experiência do humano as tornavam aptas para governar o mundo e sobrepujar a autoridade masculina. Por isso, as sociedades patriarcais as metamorfosearam nas velhas demoníacas, terríveis e mal-humoradas que circulam no imaginário como entes voadores, vestidos de negro, com expressões faciais terríveis, capazes de impingir desgraças aos homens, hoje conhecidas como bruxas.

Consoante Brunel (1997:356), a literatura oral desconstrói a imagem mítica da feiticeira pela boca dos contadores de história, que a relegaram ao sabor do maravilhoso, sem o mistério de que se revestiu durante a fase áurea da Deusa nos templos de Afrodite. Tornando-se personagem dos contos de fada, ela adquiriu características próprias e comportamento peculiar para conquistar identidade no mundo do faz-de-conta, tornando-se então a bruxa má, assumindo feição própria como velha com todos os elementos indicadores da senilidade: corcunda, verrugas, cegueira, ausência dos dentes, nariz adunco, cabelos ralos e brancos. O imaginário coletivo ainda lhe acrescentou um único dente amarelo, chapéu em forma de cone, com abas largas, roupas negras, cabelos esfarrapados, caspentos e/ou piolhentos, botas e uma vassoura com capacidade de voar altíssimo. A feiticeira tornou-se para as mulheres uma versão do bode expiatório, para quem são transferidos os elementos obscuros de suas pulsões eróticas. Elas representam a ansiedade sexual, o medo masculino da castração e as transformações biopsicológicas que as mulheres experimentam durante a trajetória existencial.

Jung (2000:35) conceitua a bruxa como “uma entidade inquietante da floresta de outrora, agora ‘fantasia erótica’, que vem complicar penosamente nossa vida anímica. Ela vem ao nosso encontro sob a forma de ninfa, mas se comporta como um súcubo; assumindo as mais diversas formas, como uma bruxa, e é uma autonomia insuportável que, a bem dizer, não seria própria de um conteúdo psíquico”.

Sob uma perspectiva psicológica, a bruxa representa o lado obscuro da Mãe Terrível ou do Demônio reprimido no inconsciente, em épocas remotas, mas revitalizado na modernidade. Esse arquétipo personifica o lado destrutivo do princípio Feminino, a desintegração, a doença, a morte ou aquilo que é denominado “malefício da

inconsciência" (Cf. Franz 1984:58). Os impulsos para o mal, que prejudicam as pessoas, são atribuídos às velhas malvadas e perseguidoras representantes da figura materna, da Personalidade Mana ou da Velha Sábia. Para Jung (2000:199) essa figura é uma supra-ordenada personalidade moldada pela *anima* que "pode aparecer como positiva ou negativa; a velha ou a jovem, mãe ou menina; fada bondosa ou bruxa; santa ou prostituta." Ao lado dessa ambivalência, "a *anima* tem relações 'ocultas' com 'segredos', com o mundo obscuro em geral, tendo freqüentemente um matiz religioso. Quando ela emerge com alguma clareza, sempre tem uma relação estranha com o tempo: na maioria das vezes é quase ou totalmente imortal, pois está fora do tempo".

Investidas dos poderes terríveis do inconsciente, as bruxas são agentes do mal que se configuram, dentre outros aspectos, na projeção de sentimentos infantis negativos com relação à mãe, só sendo possível expulsá-las por meio de uma reintegração à consciência. Neumann (1995:82) admite que, nos contos de fadas e na literatura, as bruxas materializam a sombra odienta do ego, revestindo-se de uma força terrível ambivalente do Feminino primitivo que subsiste no inconsciente e é interpretada como um dos fenômenos básicos da psicologia da neurose. "O neurótico bem se relaciona com a mãe, no nível inconsciente, ocultando a bruxa que engole seu ego numa existência passiva e irresponsável que lhe inspira terror porque ameaça a sua sexualidade e o intimida a assumir sua personalidade".

A bruxa concentra os elementos obscuros do instinto primário, frutos de recalques, desejos não realizados, temores infantis, medo ancestral. Poder persecutório inelutável, elas são instrumentos do medo de enfrentar a própria realidade, uma boa estratégia para se livrar da culpa da autodestruição. As bruxas são capazes de sondar a sina do homem, como as três irmãs feiticeiras do drama shakespeariano *Macbeth*, instituindo a demoníaca inversão dos valores positivos em negativos em torno de que se opera o mal, transformando em tragédia a vida do protagonista. Elas são mórbidas e elementares figurativizações do inconsciente coletivo, as mesmas figuras malignas e caricatas que voam nos contos de fada e brincam com o mal, repetindo o clima fantástico no imaginário das crianças e explicitando a vulnerabilidade do homem mediante os complexos e traumas da infância.

Outra forma de apresentação da bruxa, sob uma óptica ritualista, é *Witch*, força divinatória criativa da Grande Deusa arcaica que se apossa do adepto para promover o equilíbrio e a polaridade das energias. Através de ritos de magia, ela coloca o homem em contato com o cosmos. *Witch* tem como objetivo o autoconhecimento, a harmonia do universo, a compreensão dos poderes da natureza e a busca de um novo equilíbrio do homem com sua mente e com o meio em que vive. Há uma diferença

fundamental entre a bruxa arquetípica — força energética do inconsciente coletivo relacionada ao princípio Feminino negativo, uma das imagens da *anima* no seu estágio primitivo, Witch e as bruxas medievais caçadas pela Santa Inquisição, estas últimas fogem ao escopo deste artigo.

A Fada (do latim, *fata, fatum*, que significa “fado”, “destino”, literalmente, “aquilo que é falado”), refere-se às Deusas do destino, pois também, como as bruxas, conhecem a sorte dos homens; suas palavras são mágicas, seus encantos são determinantes. As fadas madrinhas nasceram da junção das Parcas e das Deusas gaulesas, aparecendo, em princípio, como as entidades boas que auxiliavam as pessoas. No século XI, a cultura popular evidenciou a dama da floresta e a associou à Natureza ao tempo em que a fantasia erótica masculina criou a imagem da bela mulher inefável que escolhia seus amantes e os subjuga à sua vontade, encarnando, definitivamente, a Deusa do Amor, restabelecendo, assim, a ambigüidade do Feminino sagrado.

Barros (2001:336) comenta que se de um lado as fadas foram sentidas como virgens puras ou mães carinhosas, de outro foram consideradas maléficas e carnisais. Elas surgiram na literatura com toda sensualidade, beleza, tentação, conhecimentos mágicos e poder que as ligavam ao mundo dos mortos, aos subterrâneos ctônicos. As fadas da literatura medieval são de origem celta e têm a capacidade de se metamorfosear em animais, em donzelas tentadoras, em velhas encarquilhadas.

Do ponto de vista simbólico, a fada é a feiticeira das lendas, dos contos populares e dos mitos que possui uma natureza feminina demoníaca canibal e se dedica à magia negra, à perseguição dos homens, destruindo sua potência e aniquilando suas vidas. Num outro sentido, ela foi considerada uma degradação voluntária, sob a influência da pregação cristã, das sacerdotisas, das sibilas, das magas druídicas. Ao contrário dos iniciados antigos que ligavam o visível ao Invisível, o humano ao divino, ela foi disfarçada de modo medonho e diabólico. Em contrapartida o inconsciente suscitou a fada, cuja feição de serva do diabo, só aparece como caricatura.

Portanto, a figura da feiticeira, fada ou bruxa, sempre foi sustentada pelo imaginário dos poderes sobrenaturais femininos outorgados pela Deusa. Deusa, fada e bruxas são criaturas do inconsciente coletivo, registradas na psique e projetadas de diversas formas, com muitas faces e comportamentos de acordo com as etapas da evolução da consciência. Essas entidades são energias poderosas que podem atuar em favor da humanidade, desde que se conheça seu verdadeiro significado e função como arquétipos da transformação. Na literatura, esses arquétipos são sempre idealizações poéticas do feminino para o bem e para o mal que

demonstram a força do inconsciente no imaginário coletivo como veículo de conservação cultural e de transformação de mentalidades.

Referência Bibliográfica

- BARROS, Maria Nazareth Alvim de. 2001. *As deusas, as bruxas e a igreja*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- BOECHAT, Walter (org.) et. al. 1996. *Mitos e arquétipos do homem contemporâneo*. Petrópolis: Vozes.
- BOLEN, Jean Shinoda. 1990. *As deusas e a mulher*. Tradução de Maria Lydiá Remédio. 3. ed. São Paulo: Paulus (Coleção Amor e Psique).
- BRANDÃO, Junito de Souza. 1989. *Helena o eterno feminino*. Petrópolis: Vozes.
- BRUNEL, Pierre. (org.). 1997. *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Susseking et. al. Rio de Janeiro: José Olympio.
- CAMPBELL, Joseph. 1990. *O poder do mito*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena.
- CLEMENTINO, Eliana Gomes. 2001. *Quem disse que bruxa tem que ser má?* São Paulo: Madras.
- FRANZ, Marie-Louise von. 1990. *A interpretação dos contos de fada*. Tradução de Elci Spaccaquerche Barbosa. 2. ed. São Paulo: Paulus.
- _____. 1984. *A individuação nos contos de fada*. Tradução de Eunice Katunda. 2. ed. São Paulo: Paulinas.
- HOUSTON, Jean. 1995. *O herói e a deusa*. Tradução de Ângela do Nascimento Machado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- JUNG, Carl Gustav. 2000. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes.
- _____. 1995. *Símbolos de transformação*. Tradução de Eva Stern. 3. ed. Petrópolis: Vozes.
- NEUMANN, Erich. 1996. *A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. Tradução de Fernando Pedroza de Mattos e Maria Silvia Mourão Neto. São Paulo: Cultrix.
- _____. 1995. *História da origem da consciência*. Tradução de Margit Martineia. São Paulo: Cultrix.
- PAZ, Noemi. S. d. *Mitos e Ritos de Iniciação nos contos de Fadas*. São Paulo: Cultrix.
- POLLACK, Rachel. 1998. *O corpo da deusa*. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- PRIETO, Claudiney. 2000. *Wicca: a religião da deusa*. São Paulo: Gaia.

- QUALLS-CORBET, Nancy. 1990. *A prostituta sagrada*. Tradução de Isa F. Leal Ferreira. São Paulo: Paulus. (Coleção Amor e Psique).
- RIBEIRO, Maria Goretti. 1999. *O mito da Grande Mãe e da fêmea fatal e os símbolos do desejo: uma abordagem do feminino hermiliano*. Campina Grande: UEPB. (Dissertação de Mestrado).
- RIBEIRO, Maria Goretti. *A via crucis da alma*. 2006. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.
- SILVA, Antônio de Pádua Dias. Geralda Medeiros NÓBREGA. Maria Goretti RIBEIRO. 2004. *O mito do ciborgue e outras representações do imaginário: androginia, identidade, cultura*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.
- WARNER, Marina. *Da fera à loira*. 1999. Tradução de Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Companhia das Letras.
- WHITMONT, Edward. C. 1984. *Retorno de la Diosa* Barcelona: Editorial Argos Vergara.
- WOOLGER, Jennifer Barker. Roger J. WOOLGER. 1994. *A deusa interior*. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cultrix.